



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE SANTOS

Departamento de Imprensa

imprensa@unisantos.br

(13) 3228 1239

Jornal: AT Revista

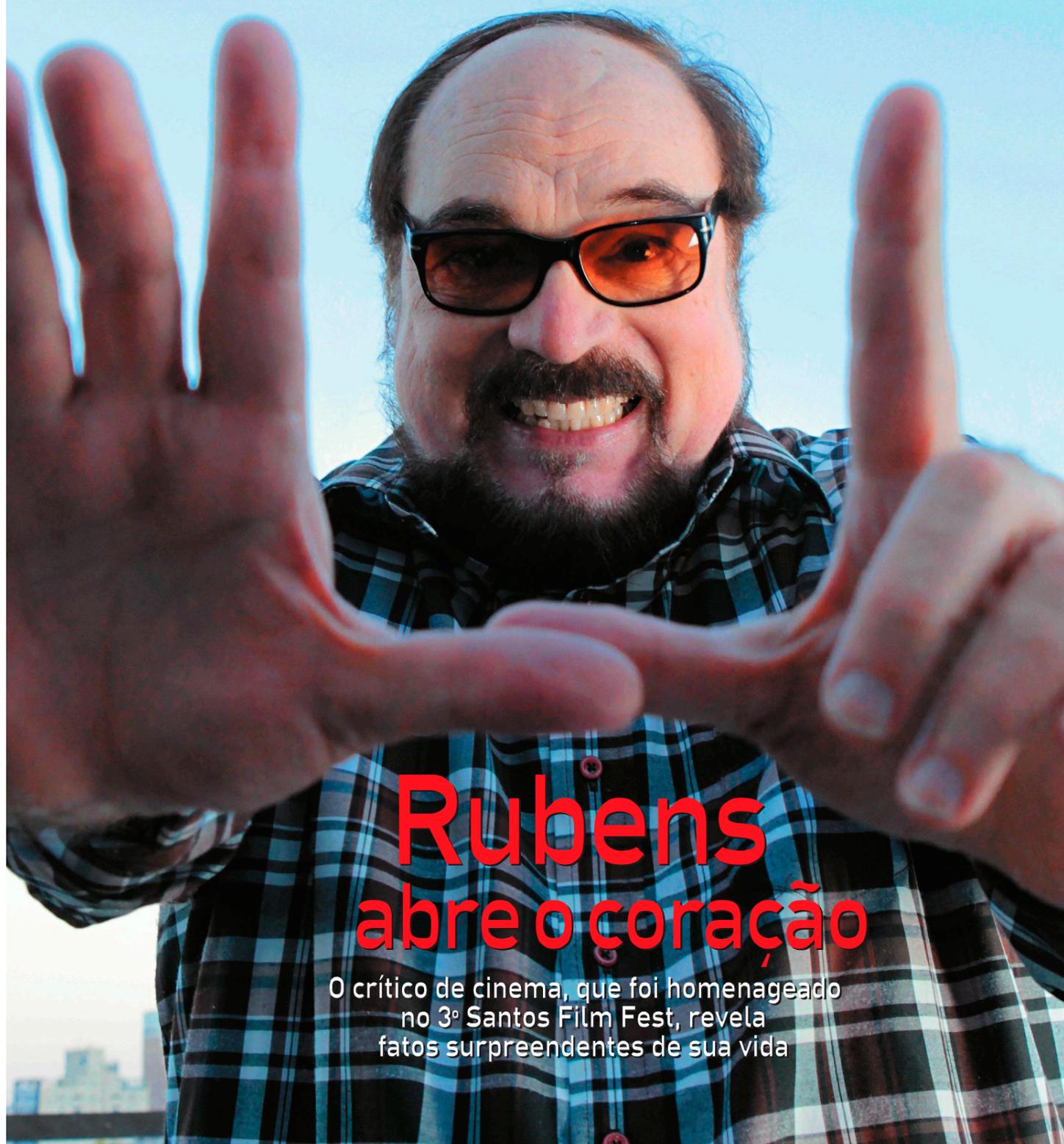
Data: 02/09/2018

Página/Seção: Capa, Entrevista 8, 9, 10

ATRIBUNA  
Ano 13  
Ed 718  
2set2018

# ATREVISTA

PARTE INTEGRANTE DO JORNAL A TRIBUNA. NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE



## Rubens abre o coração

O crítico de cinema, que foi homenageado  
no 3º Santos Film Fest, revela  
fatos surpreendentes de sua vida

# SEM FILTRO

Rubens Ewald Filho abre o coração. O jornalista e crítico de cinema fala do grande amor da sua vida, de solidão, das perseguições que sofreu e da novela que fez com Silvio de Abreu

“Eu era um menino sozinho, sem amigos. Minha única válvula de escape estava no cinema”. Essa é apenas uma das declarações surpreendentes de Rubens Ewald Filho ao longo das duas horas de bate-papo com a *AT Revista*. A seguir, você vai conhecer a fundo o santista de 73 anos, que cresceu no Canal 3 e, apesar de ter se consagrado como crítico de cinema (já são 51 anos de estrada), traz no currículo trabalhos que muita gente nem imagina, como ter sido parceiro profissional de Silvio de Abreu e ter escrito o roteiro da última novela da TV Tupi. Grande homenageado do 3º Santos Film Fest – Festival Internacional de Filmes de Santos, evento que vai até quarta e conta com exposição dedicada a Rubens no Pátio Iporanga, o jornalista ainda realiza no festival a pré-estreia do terceiro filme da produtora que criou com o ator e diretor Germano Pereira – o documentário *Odinei Ribeiro: O Narrador das Emoções*, que será apresentado na terça, às 21h30, no Cine Roxy 5. “Já começamos a fazer nosso próximo filme. Será sobre Ney Latorraca”.

**RAÍZES O que sente ao olhar para trás e ver tudo o que conquistou ao longo da carreira?**

Acho que tive muita sorte. Cursei Jornalismo junto com Direito, História e Geografia. Dava tempo para conciliar tudo. **Ainda dei aulas de cinema na própria faculdade**

**(UniSantos)** e, por isso ter repercutido, fui chamado para fazer o mesmo em escolas, como Stella Maris e Canadá. Meu sonho era estudar no Canadá, mas minha família sempre me matriculou no Santista, onde falavam para ser padre. Imagina eu padre? Em 1967, o paraninfo da minha turma de Jornalismo, o Juarez Bahia, comentou que ia chefiar a redação da *Tribuna* e queria que eu trabalhasse no jornal, para organizar o departamento de pesquisa. Ai, por prazer, poderia escrever críticas de cinema. Só que eu não tinha muita intenção de ser jornalista.

**Por quê?**

Havia a pressão familiar para me formar diplomata. Por isso estudei tanto. Fiz inglês, alemão, italiano,

francês. Em paralelo, participei do movimento teatral com a Neyde Veneziano e o Ney Latorraca, que virou meu amigo. Mas algo mexeu comigo e me levou a aceitar o convite para trabalhar na *Tribuna*. Perto do fim da faculdade de Jornalismo, fiz um teste para o Cidade de Santos, jornal que a Folha de S.Paulo ia abrir na Cidade. Não passaram nem eu, nem os meus amigos mais inteligentes. Não consegui aceitar aquilo. Disse para mim mesmo: vou mostrar que posso me sair bem como jornalista. Até hoje, não me dou com a Folha. A única experiência que tive lá foi escrever na década de 80, por três anos, para o *Outro Caderno*, usando o pseudônimo Erman, devido à minha descendência alemã. Ninguém sabia que era eu. Às vezes, o Silvio de Abreu comentava: “Você precisa fazer algo, Rubinho. Alguém está te imitando” (risos).

**Como foi a passagem pela redação de *A Tribuna*?**

Foi o único lugar onde nunca me perseguiram e sempre tive total liberdade. Olha que os donos dos cinemas vinham reclamar de mim para a diretoria. Eu também era muito atrevido, falava tudo mesmo, sem censura. Mas o Roberto Mário Santini me protegia. Não teria me tornado quem sou se não fosse pela *Tribuna*. Foi onde tudo começou. Por isso, minha gratidão.

**Teve problema com mais alguém?**

Quando eu estava na Globo, o dono da Paris Filmes achava que o perseguia. Ele até escreveu para o Boni, reclamando que eu só falava

**“Fui ator no filme *Amor Estranho Amor*. Estava na cena em que a Xuxa ficava pelada”**



**“Não teria me tornado quem sou se não fosse pela *Tribuna*. Foi onde tudo começou”**

metida ou pretenciosa, a não ser para explicar algo do filme. Também há uma dose de humor, que foi aumentando com o tempo. Hoje, os jovens críticos não têm graça ou ponto de vista, seguem a fórmula ensinada na faculdade.

**De que modo surgiu a paixão pelo cinema?**

Aos 8 anos, já fazia caderninhos sobre os filmes que via, os quais guardo até hoje. Mantinha uma paixão pelo cinema muito forte e sem pretensão. Eu era um menino sozinho, sem amigos. A minha única válvula de escape estava no cinema. Até hoje, não acho que exista dentro de mim um grande diretor de filmes. Tive ofertas, tentei viabilizar um projeto, mas aquilo não foi adiante. Quando saí do *Jornal da Tarde*, comecei a buscar outros caminhos, e a televisão era um deles. Fiz um teste na *Cultura* e comecei na emissora. Também foi importante o contato com o *Silvio de Abreu*.

**Como se conheceram?**

Eu dividia apartamento em São Paulo com outro jornalista santista, o *Edson Paes de Melo*, que se casou com a *Irene Ravache*. Na época, também dava aula na *UniSantos* e publiquei meu primeiro livro, *Os Filmes de Hoje na TV*. No evento de lançamento, a *Irene* me apresentou o *Silvio*. Fiz a seguinte dedicatória para ele: “Se um dia precisar de um roteirista, me chama”. O *Silvio* levou a sério e viramos parceiros profissionais. No meio do nosso terceiro filme, ele disse que estava na hora de fazer novela. Eu e o *Silvio* montamos *Éramos Seis* na *Tupi*. Foi um grande sucesso, que rendeu convite para a *Globo*. Só que, na emissora, resolveram que eu e o *Silvio* deveríamos trabalhar separados. O que achei um erro. Em 1978, cuidei do roteiro de *Gina*, novela que revelou a *Christiane Torloni*. Em seguida, voltei para a *Tupi*, onde fiz uma

mal dos filmes da *Paris*. Não satisfeito, ainda mandou carta para o *Roberto Marinho*, que chegou à conclusão que eu era inocente. Sempre fui absurdamente honesto em tudo. Quando trabalhei no *Jornal da Tarde*, em São Paulo, aconteceu outro fato curioso. Fui para um festival de *Brasília* e quase apanhei do diretor *Rogério Sganzerla*, porque não gostei do filme dele, *A Mulher de Todos*. De volta para São Paulo, a gente brigou em um restaurante, com direito a socos e cair sobre as mesas. Ele havia dito que a *Joanna*

*Fomm*, que era minha namorada, tinha celulite. Foi assim que fiquei famoso na imprensa paulistana.

**SOLIDÃO De lá para cá, a forma de fazer crítica mudou muito?**

Antes, os críticos eram mais intelectuais, tinham amplo conhecimento de cinema e formação em diversas coisas. Mesmo assim, eu não me considero intelectual e, sim, um apaixonado por cinema, que procura se expressar da forma mais simples possível. Numa crítica minha, você nunca vai encontrar uma palavra

obra sobre o Drácula. Foi a última novela do canal.

**XUXA O que aconteceu a seguir?**  
Escrevi séries para a Cultura. Eu trabalhava muito. Não sei como consegui tocar projetos simultaneamente na Cultura, na Tupi e na Globo. Tive revistas sobre home video, publiquei 32 livros e editei 250 obras para a coleção Aplauso. Você não imagina tudo o que aconteceu na minha vida. Fiz, inclusive, sete filmes como ator. O mais famoso foi *Amor Estranho Amor*. Estava na cena em que a Xuxa ficava pelada, não na do esfrega-esfrega com o menino. Mas ela nunca olhou na minha cara. O filme era bom. Só que a Xuxa pagava todo mês para o produtor não exibi-lo. Sabe quem gostava de mim? A Marlene Mattos. Quando foi para a Band, ela me chamou para ser o seu diretor de produção. No entanto, foi mandada embora. Também considero importante uma passagem com o Silvio Santos.

**Pode contar?**

O produtor do SBT marcou uma reunião. Nela, vendi para o Silvio a ideia do remake de *Éramos Seis*. Ele disse: "Não posso mais errar, preciso de uma grande novela. Por que devo aceitar sua proposta, se está me pedindo o dobro dos demais?" Respondi: "Porque os outros são ruins e a minha novela é muito boa". Foi um sucesso imenso, até hoje o Silvio pensa em reprisar *Éramos Seis*. A questão é que a editora que detém os direitos do livro está cobrando bem caro. O SBT me pagava R\$ 2 mil por mês, pois, teoricamente, não precisaria mexer no roteiro que eu e o Silvio de Abreu fizemos para a Tupi. Mas você conhece alguma novela em que o texto não é modificado?

**OSCAR Como eram as transmissões do prêmio que organizava na sua casa?**

Isso era lá no início de tudo. Antes de ir para a Globo, convidava as pessoas próximas para uma festa do Oscar em casa. Um repórter da

**“Na Globo, resolveram que eu e o Silvio de Abreu deveríamos trabalhar separados”**

Globo que me conhecia pediu para gravar lá. Por quatro vezes, acertei em cheio os ganhadores e, devido a isso, a Globo me chamou para um debate. Foi assim que fiquei dez anos na emissora fazendo programas do Oscar.

**Acha que Hollywood anda deixando muito a desejar?**

Essa é uma constatação geral. Se pedir para você lembrar de grandes filmes atuais, vai ter dificuldades para citar algum, pois as produções não marcam. Aí, vêm os superespetáculos da Disney, que, pelo menos, têm dado vida para o mercado. Os filmes de super-heróis alimentam um público enorme que consome tudo com fúria. Queira ou não, esses são os nossos grandes sucessos de hoje. A Disney é o que é por causa desses lançamentos.

**E o cinema europeu?**

Não só os filmes europeus como os japoneses perderam qualidade. As produções da Europa fazem você morrer de tédio, porque nada acontece e é tudo reciclado. Quanto ao cinema brasileiro, neste ano no Festival de Gramado, do qual sou curador, foram apresentados oito filmes bons. O que é um milagre.

**SOCIEDADE Qual foi o ponto de partida para a produtora que montou com o Germano Pereira?**

Foi o teatro que aproximou a gente. Sabe, as artes cênicas me influenciaram bastante ao longo da vida, por meio de pessoas como a Neyde Veneziano, que foi o meu grande amor (Rubens diz que está há 25 anos sem ninguém). Vou te contar uma história interessante: meu pai namorou a Cacilda Becker. Portanto, falar sobre ela em casa

era proibido, e a família não me deixava fazer teatro. Mesmo assim, até hoje, recebo convites para trabalhar como ator. E com o tempo, passei a dirigir espetáculos. Conheci o Germano em uma mostra, quando ele ainda era do grupo Os Satyros. Começamos a preparar uma montagem de *Hamlet*, que se saiu superbem.

**O que veio na sequência?**

Fui convidado para dirigir outra peça. Aí, há cerca de dez anos, ocorreu um fato desagradável: meu irmão fugiu com o meu dinheiro para os Estados Unidos. Na época, eu era diretor-geral do HBO no Brasil e ganhava em dólar. Não esperava algo assim. Fiquei muito sozinho. Teve mais: há quatro anos, uma amiga da família me internou no hospital e roubou parte do meu dinheiro. Ou seja, cuidado com as pessoas com quem você anda. Hoje, não estou pobre, mas também não sou rico. Não tenho do que me queixar. Fui para Cannes por 24 anos consecutivos e cobri 35 Oscars. Não disse nada que não fosse verdade.

**Faltou falar da criação da produtora GPS.**

Há dois anos e meio, propus para o Germano que fosse o meu herdeiro e formamos a empresa GPS. Também acabei me tornando parte da família que o Germano construiu com a mulher. Sou uma espécie de avô para as duas filhas dele. Tudo isso me deu uma ajuda emocional muito grande, tirou um pouquinho de cena o velho chato que não gosta de nada, só de cinema.

**O que pode adiantar do documentário que vocês vão apresentar no Santos Film Fest?**

*Odinei Ribeiro: O Narrador de Emoções* é o terceiro filme da GPS. O Germano assina a direção com a Renata Giovannetti. Eu fiz a produção. Além de o público gostar bastante do Odinei, existe um motivo pessoal para ter apostado nesse projeto: estamos falando de alguém de Itanhaém e isso traz de volta as lembranças da fazenda que a minha família tinha na cidade. O documentário tem uma estética diferente e entrevista, inclusive, do Pelé. Eu narro uma parte. ●

**“Meu pai namorou a Cacilda Becker. Falar sobre ela em casa era proibido”**